

## **ESPAÇO ABERTO:** Manifestações rápidas, entrevistas, propostas, experiências, traduções, etc.

### **CEPLAR: MEMÓRIA DE UM MOVIMENTO DE CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR**

Afonso Celso Scocuglia\*

#### **Introdução**

Nosso trabalho investiga a história da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), ocorrida entre 1962 e 1964.

A CEPLAR constituiu-se em experiência cultural e educativa marcada pelos estertores do regime instaurado no Brasil a partir de 1930 — cujo declínio definitivo é consubstanciado no golpe político-militar de 1964.

As ações da Campanha estiveram direcionadas para os movimentos populares que, nesse período, se organizavam estabelecendo demandas de cunho sócio-político-econômico — demandas essas permeadas por aspirações culturais e educativas .

No campo da educação popular, a CEPLAR atuou na área da alfabetização de adultos, experimentando o "método" Paulo Freire — que, neste instante, ganhava substantiva estruturação. A realidade brasileira e, especificamente, paraibana/nordestina, constituiu o tema central das atividades entremeadas pelo teatro popular e erigidas nos "círculos de cultura" — pensados como "escolas de conscientização" político-pedagógicas .

\*Professor de História da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutorando do Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Pouco se conhece sobre a CEPLAR. Há dez anos, aproximadamente, foi realizada uma pesquisa por Everaldo Soares Jr. (1983) visando à elaboração de dissertação de mestrado (UFPB) que não foi concluída. Um sucinto relatório é, praticamente, tudo o que existe escrito, até o presente, sobre a Campanha. Acrescente-se a esse relatório (não divulgado, em termos de publicação) o recente artigo do Prof. Osmar Fávero (1992, p.73-86) que, após situar a CEPLAR entre os movimentos de cultura popular dos anos 60, transcreve o relatório (de Soares Jr.) citado.

A descrição das atividades empreendidas pela Campanha que se segue tem, como ponto de partida, os relatos de Soares Jr. somados aos estudos que realizamos. Tais estudos (Scocuglia, 1993, p.1-69) estão contidos no nosso projeto de tese de doutorado — aprovado pelo Programa de Pós Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE.

#### **CEPLAR: História, Política e Cultura/Educação Popular**

No começo dos anos 60, estudantes e professores, ligados à Juventude Universitária Católica (JUC), realizaram uma pesquisa em bairros empobrecidos da capital paraibana procurando conhecer as condições de vida e de sobrevivência das "camadas expropriadas da sociedade".

Os resultados trouxeram à tona as péssimas condições de habitação, de saúde, de trabalho (desemprego alto), de educação (altíssimo índice de analfabetos e de "evadidos" da escola elementar), enfim, mostraram uma cotidianidade marcada pela subcidadania e pela inexistência de mínimas atividades denotadoras da dignidade humana.

No campo educativo, a existência de uma escola abandonada gerou a possibilidade e o *locus* para a elaboração de um plano de reativação da mesma, através do esforço dos pais e dos alunos que, coadjuvados

por estudantes e professores, faziam desde as tarefas básicas relativas ao espaço físico da escola até o planejamento e a execução das atividades propriamente pedagógicas. Essa vivência trouxe consigo a reflexão mais ampliada sobre possibilidades concretas de multiplicação de experiências nos campos da cultura e da educação popular que contassem com a efetiva participação das comunidades envolvidas (Soares Jr., 1983, p.7), a começar pela alfabetização-conscientização.

A busca da concretização dessas idéias e dessas práticas necessitou do concurso de entidades que pudessem contribuir para tal empreendimento. Neste caminho, buscaram apoio do próprio governo estadual (Sr. Pedro Gondim), da Arquidiocese de João Pessoa, da Associação Paraibana de Imprensa (API), da Associação do Bairro da Ilha do Bispo, etc. Da institucionalização das atividades pelo governo do Estado surgiu, então, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR).

Dos primeiros resultados práticos consta (para se ter uma idéia preliminar das atividades) um aumento substancial das matrículas na escola coordenada pela Campanha, corroborado por constantes reuniões entre professores, pais e alunos e por uma orientação pedagógica no sentido do aproveitamento das vivências cotidianas dos educandos como parte fundamental dos conteúdos e da metodologia. Esquetes teatrais encenavam com frequência o cotidiano dos moradores do bairro, seguidas de debates sobre o conteúdo encenado. Deles participavam, além dos moradores/atores e espectadores, integrantes do Departamento de Educação Fundamental e do Departamento de Cultura da CEPLAR.

Visando a substanciar suas ações, prática e teoricamente, os membros da CEPLAR buscaram a ligação com outros movimentos de alfabetização (e de educação fundamental em geral) desenvolvida no Nordeste, obtendo maior respaldo do Movimento de Cultura Popular (MCP/PE) e do Serviço de Extensão Rural da Universidade do Recife — através dos

quais se desenvolviam trabalhos/ experiências, inclusive novas propostas metodológicas para a alfabetização de adultos lideradas pelo Prof. Paulo Freire. Com a disposição do mesmo (e da equipe) em colaborar assiduamente, ficou acertada a realização de experiências em João Pessoa com o "método" e, simultaneamente, a participação de integrantes da CEPLAR num curso sobre Realidade Brasileira e Metodologia de Alfabetização de Adultos em Recife. A experiência inicial foi realizada com trabalhadoras domésticas, através da sua Associação (Soares Jr., 1983, p.8). O planejamento e a execução positiva da nova proposta metodológica e conteudística de alfabetização — que levavam a realidade sócio-econômica-político-cultural para o centro das atenções e dos debates nos "círculos de cultura" — entusiasmaram a CEPLAR, que buscou expandir-se para outros bairros da capital paraibana.

No caminho da sua expansão, a Campanha contactou associações diversas, formando novas turmas e centralizando a coordenação em núcleos nos bairros (como os da Ilha do Bispo e do Varadouro) — contando com essas associações no apoio que ia desde a convocação dos alunos até a consecução do material didático. A expansão da CEPLAR mostrou a conveniência da estruturação de um Departamento de Arte e Divulgação e para organizá-lo foi chamado o teatrólogo Paulo Pontes — que, de pronto, reestruturou o grupo de teatro, fazendo com que o mesmo elaborasse seus próprios textos e os representassem nos bairros, em conexão política com o processo expansionista dos "círculos de cultura" inerentes aos grupos de alfabetização (Soares Jr., 1983, p.10). Em outra frente, a Rádio Tabajara iniciou a transmissão de programas (produzidos pelo Departamento de Arte e Divulgação da CEPLAR) que priorizavam a cultura popular, por um lado, e o debate de temas políticos, sociais e econômicos da realidade da Paraíba e do Brasil, de outro. A Campanha organizou, ainda, nos bairros e junto aos núcleos alfabetizadores, "feiras" de artesanato — produzido no trabalho conjunto das respectivas comunidades. Esse movimento de cultura

políticos, artesanato, transmissões radiofônicas — ampliou-se vigorosamente (ao longo de 1962) contando com importante apoio de sindicatos, associações, clubes de mães, etc.

Neste quadro de atividades múltiplas, marcado pelas ambigüidades e pelas contradições da democracia populista (com destaque para os interesses eleitorais) e pela crescente organização popular, a CEPLAR pleiteou sua inclusão no Plano de Emergência (de Darcy Ribeiro) que objetivava alfabetizar adultos, em novembro de 1962. A exposição de motivos apresentada ao MEC pelos dirigentes da CEPLAR, mostrando projetos de expansão dos núcleos existentes e a possibilidade concreta da criação de outros em (quase) toda a Paraíba, viabilizou a inclusão e o apoio financeiro do governo federal. Na trilha expansionista, estudantes secundaristas e universitários se somaram ao processo (visando à formação de alfabetizadores) para a realização de um curso sobre a metodologia proposta por Paulo Freire — curso (janeiro de 1963) esse direcionado à busca de uma "consciência da realidade nacional", cujos temas trabalhados dão uma dimensão das preocupações presentes: Visão Crítica da Realidade Brasileira; A Realidade Brasileira e o Analfabetismo; A Alfabetização num País Subdesenvolvido; Um Novo Método e uma Nova Técnica; Alfabetização e Conscientização. O processo expansivo foi se concretizando e novos núcleos foram implantados, em pequeno espaço de tempo, na capital (Soares Jr., 1983, p.12).

Em termos propriamente pedagógicos, a equipe da CEPLAR empreendeu criativo trabalho na sistemática proposta por Paulo Freire, inclusive no que tange à confecção de um livro — a partir dos trabalhos dos próprios alfabetizandos — para substituir as "cartilhas" tradicionais. Neste prisma, Jarbas Maciel (1963, p.21) destacou o trabalho da equipe paraibana: "(...ajudados pela CEPLAR (Campanha de Educação Popular da Paraíba), aceitamos a sua excelente sugestão de que a etapa de educação primária deveria toda ela girar em torno de um livro que

seria uma antologia, uma espécie de manual de capacitação cívica. O homem, depois de alfabetizado, está em condições de ler e escrever. Se a cartilha havia sido totalmente eliminada, tendo sido colocados em seu lugar bilhetes e cartas escritas pelos próprios adultos de outros círculos de cultura, além de um jornal — O Pau de Arara, de Angicos — redigido com material criado por eles mesmos, agora se fazia necessária a utilização de um novo instrumental intelectual através de um livro programado que mantivesse e garantisse a continuidade do processo de educação integral. Significativamente, a equipe da CEPLAR escolheu para tema do primeiro manual de capacitação o título sugestivo e profundamente bem intuído de 'Força e Trabalho'."

A partir da metade do ano de 1963, a possibilidade de a CEPLAR vir a integrar o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) do Governo Goulart tornou-se real, visando à extensão da Campanha a vários municípios paraibanos. Em diversas cidades, a implantação do PNA contou com a estreita colaboração dos sindicatos rurais e das Ligas Camponesas, a exemplo de Sapé, Rio Tinto e Mari — onde os líderes dos trabalhadores rurais apostavam nas propostas de educação e cultura engendradas na CEPLAR como contribuintes importantes do processo de mobilização/organização popular em desenvolvimento. As informações disponíveis enfatizam a construção de pavilhões (como salas de aula) de madeira cobertos com palha (semelhantes aos construídos na campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler", levada a efeito em Natal). O material didático era fornecido pela Campanha e os monitores (com o curso primário completo ou com experiência como alfabetizadores) recrutados das próprias comunidades. Com a seleção e preparação/treinamento dos monitores e dos alfabetizandos convocados pelos líderes sindicais e dirigentes das Ligas, ampliava-se o processo político-alfabetizador. Assim, no início de 1964, funcionavam dezenas de novos núcleos de "alfabetização e conscientização".

No final de 1963, a equipe paraibana participou do I Encontro Nacional

de Alfabetização e Cultura Popular, ocorrido em Recife, apresentando relatos das atividades e, especialmente, o livro *Força e Trabalho* utilizado na pós-alfabetização (Souza, 1987). A defesa da concepção de trabalho conjunto com os movimentos sociais — associando educação/cultura com o processo de conquista da consciência política, forjando-a na própria mobilização/organização das classes populares — constituiu destaque da participação da CEPLAR.

Com efeito, o trabalho da Campanha progrediu substancialmente, em termos qualitativos e quantitativos, após a inclusão no PNA, multiplicando-se e diversificando-se em seminários, debates e reuniões nos vários bairros de João Pessoa e Campina Grande, além de outras cidades do interior paraibano já citadas. Concomitantemente, o Departamento de Arte e Divulgação, liderado por Paulo Pontes, expandia os "encontros de cultura popular" com a apresentação de filmes, peças de teatro, cordel, etc, seguidas de debates suscitados pelas temáticas tratadas em cada "encontro", à semelhança do MCP/PE (Souza, 1987). A CEPLAR, mais e mais, transcendia o controle e a manipulação típicos do populismo.

À medida que o trabalho da CEPLAR se expandiu, especialmente após sua inclusão no Plano Nacional de Alfabetização, cresceram as "preocupações" de setores governamentais do estado ligados à indústria e às oligarquias rurais. As oposições mais radicais protestaram acusando a Campanha de "subversiva", "comunista" e de estar "a serviço de Moscou e Havana". Na Assembléia Legislativa, deputados representantes desses setores vociferaram contra as atividades da CEPLAR, impedindo que verbas fossem destinadas à ampliação dos trabalhos. Ao mesmo tempo, a tensão rural e urbana, notória à medida que o governo federal encampava reivindicações das classes populares, fez com que as hostilidades se aprofundassem refletindo o acirramento dos conflitos de classe. Várias escolas construídas pelos agricultores foram destruídas (no final de 1963) e os supervisores do processo de

alfabetização encontravam dificuldades crescentes para ter acesso aos "círculos de cultura" e aos núcleos, sendo constantemente ameaçados pelos capangas dos latifundiários e dos usineiros. Somados à tensão descrita, os assassinatos de líderes sindicais e de dirigentes das Ligas (na Paraíba e em todo o Nordeste) e a impunidade dos executores e dos mandantes desvelavam o conflito e a radicalização das posições opostas (Melo, 1993).

Discutindo a problemática, os dirigentes da Campanha, com o apoio dos movimentos populares e o estímulo do governo federal, ampliaram, ainda mais, a atuação em torno dos núcleos de alfabetização/conscientização. Nos primeiros meses de 1964, novos núcleos foram implantados e o Departamento de Arte e Divulgação montou, como o MCP/PE, "A Praça da Cultura" — espetáculo dividido em uma peça de teatro sobre as questões rurais do momento ("Os Condenados"), em filmes realizados por paraibanos como "Aruanda", "Romeiros da Guia" e "Cajueiro Nordestino", além do teatro de bonecos/fantoches ("João Redondo") que noticiava fatos locais e nacionais — com forte conotação política. Com efeito, a CEPLAR participava do *clímax* político-cultural ao qual Francisco de Oliveira (1981, p. 108-109) se refere, quando destaca os movimentos populares e as atitudes de seus líderes (segundo ele, não-populistas) empreendidos no Nordeste dos anos 60.

Neste instante, o governo Goulart entrava em rota de colisão definitiva com o latifúndio, com o capital internacional, com vários setores da burguesia nacional — a radicalização das posições em conflito parecia definitiva, mas as lideranças da CEPLAR acreditaram (como quase toda a esquerda) no "carisma janguista" na superação dos impasses com soluções favoráveis aos trabalhadores e ao governo constituído. O golpe político-militar mostrou que essa avaliação estava incorreta. Na Paraíba, o governo aderiu ao golpe de imediato (Melo, 1993, p.16), dirigentes da CEPLAR foram presos, sua sede invadida, materiais

didáticos considerados "subversivos" foram confiscados e "desapareceram". O funcionamento de todos os núcleos alfabetizadores foi sumariamente impedido. Alunos, professores e dirigentes proibidos de reunião, manifestação, enfim, de qualquer esboço de resistência e mobilização.

O Inquérito Policial Militar que se seguiu tentou provar que a CEPLAR recebia financiamentos da URSS e de Cuba. A equipe central da Campanha respondeu processo sob acusação de "subversão e comunismo". O processo foi arquivado (1965) por absoluta falta de provas.

Enquanto prática, a nosso ver, sucumbia a mais frutífera e encorajadora experimentação no campo da educação e da cultura popular da história da Paraíba.

## Conclusões

Tendo como base nossos estudos sobre as atividades da Campanha de Educação Popular da Paraíba, as pesquisas até o presente encetadas e refletindo sobre os condicionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais da primeira metade da década de 60, podemos parametrizar algumas conclusões, ainda que preliminares.

Primeiramente, temos que afirmar que a CEPLAR, enquanto parte no jogo político do conflito de classes da sociedade paraibana, constituiu-se em instrumento de tentativa de controle, manipulação e conquista do voto "consciente" por parte das forças institucionais, especialmente aquelas incrustadas no poder e representadas na figura do governador Pedro Gondim (1958/1966). Por outro lado, certamente a CEPLAR serviu como instrumento concreto de educação, de politização e de "elevação cultural das classes populares" paraibanas — tanto no campo como na cidade. Os dois lados da problemática refletem as

contradições inerentes ao conflito de classes que marca o Nordeste como um todo e a Paraíba em particular — conflito esse que guarda relações com a "política de massas" levada a efeito em nível nacional, embora contemple diversidades em termos das diferentes alianças políticas formadas.

Torna-se necessário colocar que os objetivos aos quais a Campanha se propunha foram em grande parte atingidos, ou seja, alfabetizar/conscientizar/politizar em associação com os movimentos populares. Uma das demonstrações do que afirmamos foi a preocupação prioritária das forças repressivas do golpe de 1964 em dismantelar e aniquilar a ação e os possíveis fragmentos de reconstituição histórica da CEPLAR "para não servir de exemplo negativo às futuras gerações", como afirmavam os jornais paraibanos que aderiram ao golpe.

Destarte, o trabalho desenvolvido pela Campanha aproximou-se vigorosamente dos anseios populares, tanto no que tange à alfabetização e pós-alfabetização (especificamente) quanto ao que diz respeito aos pleitos político-organizacionais liderados por entidades civis que incluíam desde a Associação Paraibana de Imprensa até os sindicatos rurais e as Ligas Camponesas, passando por profissionais liberais, estudantes secundaristas, bem como estudantes e professores universitários.

O caminho pedagógico-cultural da Campanha esteve fundado nas propostas metodológicas de Paulo Freire e no "ativismo brechtiano" (arte engajada politicamente) de Paulo Pontes (na linha do MCP de Pernambuco). Neste sentido, mostrava as positivities e as contradições do populismo vigente e do nacionalismo-desenvolvimentista, a busca da autenticidade cultural popular e da conquista de sua autonomia e de sua autodeterminação enquanto segmento majoritário da sociedade. Para isso, conforme as influentes idéias disseminadas pelos membros do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), era preciso "dar-lhes (às massas populares) um grau de consciência compatível

com a realidade nacional" (Freire, 1959). Alfabetizar/conscientizar/politizar, conquistando os votos dos ex-analfabetos, constituía "exigência prioritária do desenvolvimento nacional autônomo e independente", movimento no qual a CEPLAR estava engajada em nível de Paraíba e de Nordeste.

Do ângulo analítico da atualidade, podemos afirmar que, embora a prática das atividades da Campanha de Educação Popular da Paraíba tenha sido destruída pela repressão desencadeada pelos golpistas de 1964, suas propostas de educação e de cultura popular permanecem válidas, sua efetivação possível — contando, inclusive, com o revigoreamento/amadurecimento prático e teórico do seu instrumento político-pedagógico principal (tonificado durante três décadas da intensa práxis de Paulo Freire) — e, ainda, contando com a possibilidade real de vinculação com os movimentos sociais em desenvolvimento. Ademais, nossa presente realidade insiste em apontar para o analfabetismo (inclusive, político), para o fracasso escolar, para a não-valorização dos trabalhadores da educação — problemas prioritários que, entre outros, continuam a desafiar as esperanças de mudanças estruturais na sociedade brasileira.

Argumentos não faltam para demonstrar a necessidade e a viabilidade de implementação de propostas como as da CEPLAR e de tantos outros movimentos de cultura popular. Obviamente, sem a admissão de que a "história se repetirá". Fazemos parte de uma "outra" história da qual, dialeticamente, a CEPLAR também faz parte — enquanto memória (cultural/educacional) popular que precisa ser resgatada e divulgada em toda a sua profundidade.

### Referências Bibliográficas

CEPLAR. *Livro de leitura e exercícios*. João Pessoa, 1963, mimeo.

CEPLAR. *Curso de preparação de pessoal*. Campina Grande, 1963.

CEPLAR. *Pesquisa vocabular*. João Pessoa, [19-]. mimeo.

CEPLAR. *Preparação de aulas dos círculos de cultura*. João Pessoa, [19-]. mimeo.

FÁVERO, Osmar et al. "CEPLAR - Campanha de Educação Popular (Paraíba, 1962/1964)". *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, Jul./Dez. 1992.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. Recife, Universidade do Recife, 1959.

MACIEL, Jarbas. *Fundamentação Teórica do Método Paulo Freire*. *Revista de Cultura*, Recife n. 4, Ab./Jun. 1963.

MELO, José Otávio A. *Estado, Crise Social, Partidos e Involução Econômica na Paraíba de 1930 a 1980*. João Pessoa, 1993, mimeo.

SCOCUGLIA, Afonso C. *CEPLAR: Memória de um Movimento de Cultura e Educação Popular*. João Pessoa, 1993. Projeto de Tese (Doutorado em História) - UFPE.

SCOCUGLIA, Afonso C. *Educação e Política em Paulo Freire*. João Pessoa, 1989. Dissertação (Mestrado em Educação), 1989.

SOARES Jr., Everaldo F. *A História da CEPLAR*. João Pessoa, 1983. mimeo.

SOUZA, João F. *A Pedagogia da Revolução*. São Paulo, Cortez, 1987. Jornais: A União, O Norte e Correio da Paraíba. João Pessoa, 1962/1964.